

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Heraldo Class.: Assurini 17
 Data: 29/10/92 Pg.: _____

Índios vão ao governador cobrar acordo

Os assurini querem que a Setran cumpra o termo de compromisso que deu fim ao sistema de pedágio na rodovia que corta a aldeia. Os índios ainda esperam pelas obras prometidas.

Um grupo de índios assurini, do posto indígena Trocará (a 24 quilômetros de Tucuruí), vai hoje até o governador do Estado para cobrar a efetivação de um termo de compromisso firmado em setembro do ano passado, entre a comunidade indígena e a Secretaria de Estado de Transportes (Setran), e até hoje não cumprido pelo organismo. O acordo foi firmado em função da construção, em 1976, da rodovia Transtucuruí (PA-156), que dividiu a reserva dos assurini ao meio.

A construção da estrada, ligando os municípios de Tucuruí e Cametá, trouxe inúmeros problemas para os índios (na época, apenas 60 viviam na área), gerando insatisfação entre os membros da aldeia. O trecho compreendido entre o Km 18 e o Km 27 da rodovia passa bem no meio da reserva - o que representa um total de nove quilômetros de comprimento, por 60 metros de largura -, mas os índios não receberam nenhuma indenização. Isso fez com que eles interditassem a estrada, só permitindo a passagem dos veículos mediante o pagamento de um pedágio, que cobriria parte dos prejuízos.

No governo passado, os índios fizeram um acordo e receberam Cr\$ 4 milhões para suspender o pedágio. No atual governo foi celebrado novo acordo, prevendo a ampliação das obrigações por parte da Setran. O termo de compromisso foi assinado pelo índio Itapara Assurini, representando a comunidade que vive na reserva; por Salomão Santos, representando a Fundação Nacional do Índio (Funai) e por Antônio Pinho Brasil, secretário de Estado de Transportes.

Solução pacífica

De acordo com o termo, caberia



Os índios assurini vão cobrar as obras que deveriam ter iniciado em setembro de 1991

à Setran a construção de 42 casas em madeira de lei, com telhas de barro e pisos de cimento; quatro poços artesianos com as respectivas caixas, para abastecimento da aldeia com água potável; escola-residência e farmácia-residência; estrada vicinal com aproximadamente nove quilômetros de extensão, ligando a PA-156 à reserva indígena; aquisição de pequena serraria, um barco tipo voadeira, um motor de popa de 40 HP, um equipamento elétrico para pilar arroz e um barco tipo mini-geleira, além de supervisionar as turmas encarregadas dos reparos e manutenção da estrada, não permitindo que seus empregados façam uso de bebida alcoólica ou interfiram na vida da tribo. Os índios, por sua vez, teriam que assegurar, à Secretaria, o "uso e gozo da faixa de terra objeto do termo de compromisso". O documento estabelecia que as obras deveriam ser iniciadas

em 30 de setembro de 1991.

Hospedado desde anteontem na sede do Conselho Indigenista Missionário, em Belém, um grupo de 11 índios assurini afirma que a Setran não cumpriu sua parcela do acordo e que o governador precisa dar uma solução para o problema. Itapara garante que, apesar das dificuldades, os índios vêm fazendo a sua parte. Quanto à outra, somente a construção das casas de madeira foi iniciada, em dezembro do ano passado, mas paralisada em fevereiro deste ano: faltam pilos, portas, janelas e o acabamento. O resto não foi cumprido. "Não queremos conflitos com a sociedade, por isso estamos aqui. Queremos resolver tudo de maneira pacífica", garantiu o índio Seperirwa.

Poluição e doenças

Embora não esteja previsto no acordo, os índios assurini querem também a colocação de uma cerca de

arame, para impedir a entrada de pessoas estranhas e animais na reserva. Segundo eles, os fazendeiros deixam o gado passar nos igarapés e poluem as águas. A entrada de caçadores e madeireiros também compromete a sobrevivência dos índios, pois, além de afugentar a caça, traz inúmeras doenças que antes não existiam na reserva. "Todos vivem constantemente gripados e a malária ataca a aldeia", afirma Seperirwa. Poraquê Assurini, outro índio que faz parte do grupo, contou que sua filha de 3 anos morreu, em agosto deste ano, vítima de malária. A catapora, que nunca tinha aparecido por lá, também atingiu os assurini, mas não houve nenhum caso fatal.

Apesar de uma deputada estar tentando marcar uma audiência com Jader Barbalho, o grupo decidiu que irá hoje mesmo tentar conversar com o governador.